



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

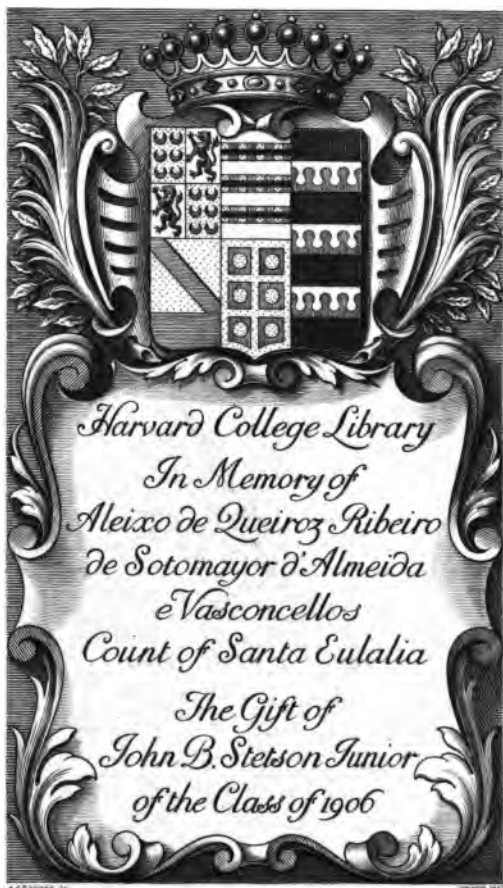
We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

Part 5285.261



Cover.

EDIÇÃO FERREIRA DE BRITO

APOTHEOSE
CAMONEANA

POR

Xavier de Carvalho



PORTO

Imprensa Ferreira de Brito

—
1886

APOTHEOSE
CAMONEANA

POR

XAVIER DE CARVALHO



PORTO

EMPRESA FERREIRA DE BRITO

—
1885

Port. 5285 261
~~Port 5238. 70~~

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, JR.

AUG 14 1924

EDIÇÃO ESPECIAL CAMONEANISTA

N.º

~~22~~

Anttoreiza de Mith

26-26
288

A

JOAQUIM DE ARAUJO



APOTHEOSE CAMONEANA

A RENASCENÇA

(a Ramalho Ortigão)

A RENASCENÇA que foi obra toda humana,
Chamando á vida nova a forte raça ariana,
Co'a polvora, a imprensa, a bussola e a alchimia,
A Arte a renascer na lyra dos poetas,
Copernico que traça a orbita aos planetas
E Martinho Lutherô affirmando a herezia ;

Dante que tudo vê com seu olhar de lynce,
A *Ceia do Senhor* de Leonardo Vinci
E Masaccio que tem *madonas* ideaes,
Colombo e Guttemberg e Magalhães e Gama,
Bacon que ensina a vida e Erasmo que proclama
O rubro alvorecer das sciencias naturaes ;

Gallileu que nos prova a rotação da terra
E contra quem a igreja ergueu terrível guerra,
Aristoteles que, intransigente e altivo
Foi quem traçou as leis novas da evolução,
Cravou golpe profundo, em cheio, á religião
E em bases affirmou o Credo Positivo;

Magalhães que demonstra a terra como esphera,
Giotto que nos pinta a tela mais sincera,
O feudalismo á morte, as communas em luta,
A alma das nações erguendo-se fremente
E pouco a pouco, a claro, as lendas do Oriente,
Emquanto o santo officio as consciencias enluta ;

Bruno que a igreja queima, affirmando a Verdade,
Miguel Angelo que achou os tons da realidade
No *Juíço Final* — a luz das gerações :
Todo esse renascer das Artes e Sciencias
E o rebate febril de todas as consciencias,
Resume-se afinal no livro de Camões.

NOS PAÇOS DA RIBEIRA

(a Manoel Duarte de Almeida)

E CAMÕES recitava! Em frente delle
A Princeza Maria, em fundo pasmo
Escutava vibrante de entusiasmo
Versos cheios de amor, ciume e fel.

A côrte envolta recolhida e attenta
Ouvia esses sonetos delicados,
Onde a Paixão brilhava violenta
E a alma se partia em mil bocados.

E Camões recitava! Dos seus versos,
Com payzagens e largos ceos diversos,
Evolava-se o aroma da violeta...

E entre o grupo dos pagens e das damas
Sanguineamente como duas chammas,
Dominavam os olhos do poeta.

NATHERCIA

(a João de Deus)

ERA em seus olhos duma luz magoada
Que elle sentia palpar a vida,
Nathercia ! a virgem branca e dolorida,
A alma da sua alma, a bem-amada !

Era em seus labios de escarlate vivo,
Efflorescentes de caricia e lava,
Que o coração do poeta se abysmava
Como num banho de perfume activo.

Foi assim que elle a amou lyricamente,
Ora em sonetos de paixão fremente
E eclogas cheias de saudade triste;

E assim lhe disse o derradeiro adeus,
Ao vel-a erguer-se aos luminosos céos :
— *Alma minha gentil que te partiste.*

O EPISODIO DE IGNEZ

(a Ferreira de Brito)

Ha não sei que de mystico e suave
Nesse vulto amantissimo de Ignez :
Manhans de abril e symphonias de ave,
O luar calmo e o verde céu inglez.

Delicada ! em instantes de socego
Decorria-lhe a vida em tons dolentes,
Entre arrulhos de amor ! sonhos fulgentes !
Nos saudosos campos do Mondego.

Ignez ! ninguém melhor descreveria
Como Camões, em ondas de harmonia.
Esse poema de paixão querida,

Em que passaste a efflorescente vida,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas...

O ADAMASTOR

(ao Conde de Sabugosa)

A' FLOR das ondas, tenebrosamente
Entre o rugir dos fortes vendavaes
Olhando os oceanos frente a frente,
Como um monstro das lendas medievaes;

O Adamastor erguia-se inclemente
Invectivando em maldições fataes:
Gama que busca um novo continente
E ri das couzas sobrenaturaes.

Entretanto quem era esse phantasma,
Que ao vêr a frota portugueza pasma
E diz phrases vibrantes de crueza ?

Elle era o Antigo Espirito que absorto
Via o *maravilhoso* extinto e morto,
E o Homem dominando a Natureza.

ILHA DOS AMORES

(a Fialho de Almeida)

HA nesses versos ruivos e frementes
 Todos feitos de sol e de impureza
 A fulva côr nervosa das serpentes
 E um vago sonho de gentil duqueza.

Em cada phrase de uma sereia ou deusa
 E em cada riso de tritões ardentes :
 Descubro ondas de carne omnipotentes
 E escuto o grito audaz da Natureza.

Camões ! Ha nos teus versos enseivados,
 Beijos que ferem, seios inflammados
 E a mulher toda nua, exposta ao sol.

E ao lêr essas estrophes côr de lava,
 Sinto a minh'alma allucinada e brava,
 Entre um incendio enorme de arrebol.

LONGE DA PATRIA

(a Camillo Castello Branco)

RASGANDO as ondas cruas, braço a braço
Com mil perigos e crueis tormentos ;
Ralado de desgosto e de canção
A' chuva ! á neve ! aos vendavaes ! e aos ventos !

Em frente aos soes que estoiram violentos,
Arremessando ondas de luz ao espaço ;
Horisontes em braza ! céos cinzentos !
— Nada receia aquelle peito d'aço !

E do rio Me-Khong as fundas aguas,
Ouvindó ao longe as soluçantes magoas
D'um povo illustre na historia humana ;

A manso e manso, afrouxam a corrente,
Para que elle podesse épicamente
Cantar a gente illustre luxitana !

O JAU

(a Xavier Pinheiro)

EMQUANTO o povo, em bando, escalavrado e roto,
Cantava pela rua os psalmos da Agonia
E a nação moribunda era um profundo esgoto,
E a Historia se tornou em trecho d'elegia,

A patria cruelmente arruinada e exangue,
Sem familia, sem lar, sem amigos, sem pão,
No horisonte sómente a lama, o luto e o sangue,
Em toda a parte a raiva e a desesperação ;

O luminoso poeta, a alma aventureira,
Que atravessou cantando uma existencia inteira,
A lutar pelo bem e a destruir o mau :

Achou na hora final, em vez de coroa etherea,
Num leito de hospital a enxerga da miseria
E por unico amigo um pobre negro :—o Jau.

OS LUZIADAS

(a Queiroz Velloso)

EPOPEIA de luz! os seus versos vermelhos
Como agudos punhaes, rubros ao sol da gloria,
São as Taboas da Lei, os nossos Evangelhos
E o poema triumphal de toda a nossa historia.

Por isso hão-de passar as eras sobre as eras,
Os seculos sem fim num desfillar escuro
E esse livro será a luz das primaveras,
Que nos indicará as praias do futuro.

E num aureo fulgor de chispas diamantinas,
Centos d'annos depois ainda essa epopeia
Em nós acordará a mais vibrante ideia.

E se o povo cahir exausto entre ruinas,
O' Luziadas! ó Biblia aberta par em par,
Os nossos corações farás resuscitar.

NO TRICENTENARIO DE CAMÕES

(a Theophilo Braga)

Se aqui pod esse vir Camões, nestes instantes,
Da campa onde repousa ha já tresentos annos,
Se aquella rude mão que fulminou tyranos
E sustentou crueis batalhas de gigantes,
Podesse ainda agitar em crispações vibrantes
O velho Portugal de heroicos puritanos ;

E visse como o altivo estandarte das quinas
Tremula esfarrapado ao riso do estrangeiro,
As terras de alem-mar vendidas a dinheiro,
A patria toda em lama, em trevas, em ruinas,
As grandes tradições no fundo das sentinas
E o soluço final d'um povo aventureiro ;

Elle, o immortal poeta, e velho'combatente,
Sonoro coração cheio de amor e gloria,
Alma toda febril, vastissima, marmorea ;
O guerreiro fatal que, erguendo um bravo ardente,
Escreveu co'a espada o livro auri-fulgente
Onde em lettras de luz fulgúra a nossa historia :

Nesse instante talvez, espectro desolado !
Chorando amargamente o seu velho paiz,
E não vendo da gloria o fulgido matiz
Engrinaldar emfim o nosso lar sagrado,
Deixava-se outra vez morrer abandonado
Batido de vergonha, extatico, infeliz !

Mas contra toda essa atroz miseria hodierna,
Vibrae sonoramente ! ó almas de leões,
E ergamos todos nós, em nossos corações,
Ao clarão triumphal da religião moderna,
Um sacrario febril de immensa luz eterna,
Em que o Futuro adore o vulto de Camões.





